



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

UM DESPERTAR PARA O SONHAR: POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL
POTENCIALIZADORA DO SONHO, DA ESPERANÇA E DA IMAGINAÇÃO
CRIADORA

Caroline Terra de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo destaca a relevância da construção de espaços educativos que potencializem as capacidades imaginativas, criadoras e sonhadoras dos educandos. Destaca-se como eixo de discussão deste trabalho a construção do sentido do sonho e da esperança na existência do ser humano, tendo como instrumental teórico os escritos de Paulo Freire, Gaston Bachelard e Ernst Bloch. Neste artigo, portanto, será enfocado o diálogo entre os autores citados, englobando a construção do significado dos sonhos possíveis, de acordo com Freire, utopia concreta, como trabalha Bloch ou devaneio poético, como expressa Bachelard. Estes constituem uma referência na minha concepção de sonho e de reflexão sobre uma Educação Ambiental libertadora, voltada para a construção da esperança.

Palavras-chave: educação ambiental; sonho diurno; esperança.

ABSTRACT

This article emphasize the importance of the construction of educational spaces that allows the capabilities imaginative, creative and dreaming of the students. Emphasize as a focus for discussion of this work to build of the sense of dream and hope in human existence, having as instrumental theoretical writings of Paulo Freire, Gaston Bachelard and Ernst Bloch. In this article, therefore, be focused dialogue among the authors cited, including the construction of the meaning of dreams possible, according to Freire, concrete utopia, how it works Bloch and poetic reverie, as expressed Bachelard. These are a reference in my design of dreams and reflections about a freeing Environmental Education, focusing on building of the hope.

Key words: Environmental Education; daydream; hope.

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande, Especialista em Sociedade, Política e Cultura do Rio Grande do Sul e Mestre em Educação Ambiental pela mesma instituição. Grupos de pesquisa: Educação Ambiental Não-Formal e Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Estética Onírica (NUPEEO). E-mail: carolineambiental@hotmail.com.

Compreendendo o conceito para além do senso comum: Sonho, utopia, esperança e imaginação criadora

A palavra utopia foi utilizada pela primeira vez em 1516, pelo escritor Thomas More em sua obra intitulada “*De optimo statu reipublicae deque nova insula Utopia*”, traduzido como *Sobre o melhor estado de uma república e sobre a nova ilha de Utopia*. Sendo a sua obra literária mais divulgada, aborda a crítica à sociedade inglesa deste período: condena a vida de riquezas da nobreza e do clero, a política de expulsão dos camponeses de suas terras e a conseqüente concentração da propriedade fundiária, contrastando com o contexto de miséria e exploração da massa de trabalhadores. O livro apresenta uma sociedade imaginária, organizada de acordo com a propriedade comum dos bens, uma comunidade com ausência de conflito de interesses, que promove a justiça e a igualdade social.

O significado do termo *Utopia*, tal como empregado por Thomas More, incorporou-se ao sentido universal do senso comum, referindo-se a todo projeto de sociedade impossível de ser materializado, irrealizável, que somente está restrito ao plano do imaginário. Entretanto, este sentido comum do termo revela-se como limitado, uma vez que consiste em apenas uma das possibilidades de se pensar o fenômeno utópico. Sendo assim, o conceito de utopia ampliou o seu significado quando empregado pelos filósofos Gaston Bachelard e Ernst Bloch.

Ernst Bloch concedeu especial atenção à utopia em diversas de suas obras, sendo a sua principal *O Princípio Esperança*, de 1950. Na sua concepção, a utopia se expressa como força de transformação, alicerce da esperança crítica, apresenta-se como dimensão ontológica do ser humano. Está presente na história da humanidade, na concretização das utopias sociais, econômicas e religiosas, manifesta-se na pintura, na poesia, na música, no teatro e na arquitetura.

A utopia na perspectiva de Gaston Bachelard é enfatizada enquanto sonho diurno, como produto da imaginação criadora, que potencializa e antecipa imagens de desejo de um mundo melhor. Assim, constitui inquietude, anseio, expectativa, imagem e pensamento maravilhoso da mente do ser humano. De acordo com este filósofo, podemos sonhar imagens de paz e tranqüilidade com o auxílio dos poetas, dos músicos e dos pintores, em especial, dos surrealistas; relembrando as imagens de infância; estabelecendo um contato íntimo e integrador com os elementos que constituem a

natureza do ser humano – água, terra e fogo, ressignificando a nossa relação com o meio ambiente.

Portanto, busca-se à luz dos autores citados, refletir o sentido da utopia como uma das urgências nos dias atuais, e a obra de Freire, em especial, mostra-se de grande relevância à medida que traz reflexões de um educador que vivenciou a realidade de exploração na América Latina. Desse modo, ressalta-se a importância da sua vivência enquanto educador popular comprometido com uma pedagogia utópico-libertadora.

O significado do termo utopia concreta presente na concepção de Bloch, assemelha-se ao sentido da utopia crítica do educador Paulo Freire. Frente ao contexto de incertezas da vida moderna, insegurança e precarização do trabalho, aumento da desigualdade social, exploração do ser humano e do meio ambiente, enfatiza-se o grande valor do trabalho de Freire na atualidade, enquanto militante e educador crítico. Destaca-se que a concepção de sonho em Freire está intimamente relacionada à necessária busca de um conhecimento crítico sobre a realidade e mobilização de práticas transformadoras das condições opressoras de nossa sociedade.

Assim, reivindica-se a necessidade de uma reflexão crítica sobre a importância deste tema na atualidade frente aos discursos fatalistas neoliberais, bem como o imperativo da manutenção da utopia como processo transformador fundamental a uma pedagogia que se pretenda libertadora e que alcance tanto a escola, quanto os demais espaços educativos de formação do ser humano. Através destas reflexões, reitero um dos aspectos de grande importância na obra destes autores: a perspectiva de valorizar a construção do sonho, da esperança crítica e da imaginação criadora nos espaços educativos que compõe a vida do ser humano.

Pedagogia do sonho e da esperança: processos transformadores do ser humano

Assim, é todo um universo que contribui para a nossa felicidade quando o devaneio vem acentuar o nosso repouso. A quem deseja devanear bem, devemos dizer: comece por ser feliz. Então o devaneio percorre o seu verdadeiro destino: torna-se devaneio poético: tudo, por ele e nele, se torna belo. (Bachelard, 1988, p. 13).

A partir das leituras de Gaston Bachelard, compreende-se a concepção de sonho diurno enquanto *devaneio poético*: ou seja, através da imaginação criadora, podemos reinventar uma realidade cheia de sonhos, em que se pode alcançar a plena liberdade. E sem este universo sonhado, do qual podemos descobrir sua existência dentro de nós,

através da imaginação, é impossível ultrapassarmos os obstáculos da vida ou, como dizia Carlos Drummond de Andrade, as pedras no meio do caminho.

Assim, potencializando a imaginação criadora, compreende-se que existem possibilidades de superação do existente ruim através da busca concreta pelos sonhos. Significa um movimento de superação, de transposição de tempos obscuros, de experimentação da esperança. Neste sentido, importante salientar a colocação de Ernst Bloch:

A vida de todos os seres humanos é perpassada por sonhos diurnos, que em parte são apenas uma fuga insossa e até enervante, e até presa para enganadores. Outra parte, porém, instiga, não permite se conformar com o precário que aí está, não permite a resignação. O esperar está no cerne desta outra parte, que é ensinável. (Bloch, 2005, p. 14)

Portanto, é fundamental a construção de espaços educativos que atuem no sentido de empreender um significado ao sonho enquanto processo vital de transformação, para que o ilimitado não mais se constitua como barreira à concretização de um mundo novo: “Quanto a mim, antes de ler os livros de Diolé, não imaginava que o ilimitado estivesse tão facilmente ao nosso alcance. Basta sonhar com a profundidade pura, com a profundidade que não tem necessidade de medida para ser” (Bachelard, 1996, p. 210).

A partir da problematização destas questões, procura-se enfatizar a potencialidade dos sonhos diurnos ou *sonhos possíveis* (como diria Paulo Freire), na construção de sujeitos utópicos e de práticas educativas que atuem a partir da perspectiva de que “mudar é difícil, mas é possível”. (Freire, 2000, p. 114). Ainda retomo as palavras de Freire para expressar a urgência da manutenção da utopia como desafio, como enfrentamento à concepção fatalista da realidade enfatizada pela ideologia neoliberal:

Para mim, a briga pela atualização do sonho, da utopia da criticidade, da esperança é a briga pela recusa, que se funda na justa raiva e na ação político-ética eficaz, da negação do sonho e da esperança. Não posso aceitar calado e “bem-comportado” que um bilhão de desempregados com quem o século se encerra sejam considerados uma pura fatalidade deste momento. Nenhuma realidade social, histórica, econômica é assim porque está escrito que assim seja. Enquanto presença na História e no mundo, esperançadamente luto pelo sonho, pela utopia, pela esperança (...). (Freire, 2000, p. 115-6).

Do mesmo modo, assim como que pelo mundo exterior circula o possível, o interior humano também não está completo, estanque. Neste sentido, interior e exterior se apresentam como universos modificáveis, como contextos de emergência de

possíveis, como espaços do poder-*vir-a-ser* inconclusos: as antecipações do imaginário utópico estão imbricadas no processo da realidade, em seu dinamismo, constituindo-se como base para a reelaboração e encantamento do próprio real.

Sonho e Consciência antecipadora: a imaginação criadora como fator motivador de possibilidades

A dimensão utópica associa o maravilhamento do mundo, da natureza humana, ao concreto e ao antecipatório. A consciência da carência de algo aliada ao possível esboçado pelo imaginário constituem a *consciência antecipadora*. Tanto a arte, quanto a ciência, antecipam no âmbito da imaginação os pressupostos de possibilidades de perfeição do mundo e, desse modo, o ser humano somente consegue ampliar a sua compreensão do real, visualizando de maneira antecipatória, paisagens e situações idealizadas pela sua imaginação.

A dimensão utópica da consciência antecipatória ultrapassa o real existente, problematizando-o, simplesmente por que a consciência não significa apenas reflexo do que existe na realidade, sendo também reflexiva da realidade. Assim, a imaginação criadora ao expressar utopias, é libertadora do imediatismo do presente, é motivadora e exploradora de possibilidades.

A dimensão utópica pretende a melhoria do mundo, necessita exteriorizar as possibilidades de maravilhamento imaginadas, mas também estas imagens pensadas e refletidas na natureza individual do sujeito pretendem a sua realização. Ou seja, o vislumbre da possibilidade de realização de seus ideais é a única razão que conduz o ser humano ao movimento do querer-fazer. Assim, uma das características da consciência utópica é a vontade de ir até o fim.

Por mais que o seu interior ainda não tenha se exteriorizado neste fato: ele não possui o que é seu, antes o procura e o imagina do lado de fora, portanto, ele tem fome. E o exterior, que o subjetivo procura agarrar, ao menos tem de estar postado de tal maneira que seja possível tentar agarrá-lo(...). Mas assim ainda lhe resta algo em aberto; o seu urgir, desejar, fazer têm espaço. O que não é ainda pode vir a ser; o que é realizado pressupõe coisas possíveis na sua matéria. Há, no homem, esse elemento aberto, e ele é habitado por sonhos, planos. (Bloch, 2005, p. 283-4).

O sonho diurno se move em meio aos afetos expectantes, é impulsionado por eles, mas existem aqueles afetos que possuem uma intenção expectante negativa em relação à autopreservação, como a angústia e o medo. A angústia possui como horizonte um futuro que tem algo indefinido como expectativa, o não decidido pelo seu objeto, e o medo está associado, muitas vezes, ao conhecimento da direção de uma experiência

anterior, pressupõe uma intenção expectante negativa. Ou seja, o sonho diurno pode provocar estados de ânimo relacionados tanto ao atordoamento e ao desespero, quanto ao maravilhamento e deslumbramento.

Mas tanto o medo quanto a esperança incluem a incerteza quanto ao que pode ocorrer, entretanto, a esperança não gera a preocupação passiva do medo, nem a expectativa anulada da angústia e do desespero, antes reúne o perigo que superou o medo e a fé que desenvolve a confiança: “Desse modo, a esperança é, em última análise, um afeto prático, militante. Ela desfralda bandeiras. Quando da esperança surge a *confiança*, então está afetiva ou praticamente presente o *afeto expectante que se tornou absolutamente positivo*, o pólo oposto do desespero”. (Bloch, 2005, p. 114).

Porém, o medo e o desespero podem ser percebidos enquanto afetos que impulsionam o humano a construir uma outra referência de felicidade, incitam-no a buscar elaborar possibilidades de maravilhamento e espanto diante da vida. Portanto, o ato de sonhar também parte de um medo, de uma situação desesperadora.

Gaston Bachelard tem uma importante contribuição na construção da concepção de sonho diurno enquanto produto da imaginação criadora. O autor rompe com a concepção de sonho do senso comum, salientando-o como instância, como atividade psíquica potencializadora de imagens de maravilhamento da realidade: constituem as imagens de felicidade e desejos criadores de uma outra referência de mundo. A esta atividade onírica, ao sonho desperto, Bachelard denomina de *devaneio*.

A concepção de sonho diurno como *devaneio* presente em Bachelard, extrapola os limites da razão humana, transcende tempo e lugar, passado e presente: “O tempo já não tem ontem nem amanhã. O tempo é submergido na dupla profundidade do sonhador e do mundo. O Mundo é tão majestoso que nele não ocorre mais nada: o Mundo repousa em sua tranqüilidade”. (Bachelard, 1988, p. 166). O homem no seu devaneio possui a absoluta liberdade de criação através da elaboração de imagens oníricas, por esse motivo Bachelard descreve o sonho diurno como *devaneio poético*: a palavra devaneio remete ao significado de *sonho desperto* e poético, do grego, significa *poesis*, ou seja, criação, invenção.

O devaneio poético suscita imagens de bem-estar, de maravilhamento, desperta o potencial de espanto diante das experiências mais vulgares da vida, provocando um estado de admiração e encantamento, denominado pelo filósofo como *estado de meditação concreta*. Bachelard, portanto, convida-nos a vivenciar devaneios de

felicidade através de uma meditação concreta: sonhando através das imagens elaboradas enquanto registros sensíveis que construímos ao longo da nossa experiência de vida.

O devaneio se expressa na profundidade e grandeza das imagens poéticas. A união entre o sonhador e o seu mundo se estabelece através da tranqüilidade, da paz que estas imagens trazem ao ser do devaneio. Sendo assim, o mundo do devaneio é o mundo da felicidade que sentimos quando habitamos a imagem onírica: “A cada imagem corresponde um tipo de felicidade. (...). O mundo é para ele acolhimento, e ele próprio é princípio de acolhimento. O homem do devaneio banha-se na felicidade de sonhar o mundo, banha-se no bem-estar de um mundo feliz”. (Bachelard, 1988, p. 152).

O objetivo destes registros sensíveis no devaneio poético é proporcionar que o ser sonhador experimente uma diversidade de sentimentos na sua radicalidade, ou seja, na raiz de suas lembranças. Os sentimentos, portanto, podem acompanhar a imagem de um objeto, de sons, de cheiros ou circunstâncias familiares que signifiquem a recordação de um momento de felicidade na vida do ser humano: “Não simplesmente imagens sensíveis, cores e perfumes, mas imagens do homem, delicadezas de sentimentos, de calores de lembrança, tentações de oferenda, tudo o que pode florescer numa alma humana”. (Bachelard, 1988, p. 151). O objeto familiar acolhe o ser humano em seu devaneio, enriquecendo seus sentidos de familiaridade: “O devaneio de objetos é uma fidelidade ao objeto familiar. A fidelidade do sonhador ao seu objeto é a condição do devaneio íntimo. O devaneio alimenta a familiaridade”.(Bachelard, 1988, p. 160).

Portanto, contemplando esses estados de ânimo (desejo e imaginação criadora), do sonho diurno transcendem afetos que refletem a expectativa quanto ao horizonte da utopia, a intenção quanto ao aspecto terminativo: medo, angústia e desespero quando existe incerteza e indeterminismo, esperança e confiança quando existe a certeza de que não há fracasso em nossas ações: “Portanto, enquanto os afetos expectantes negativos e suas imagens utópicas no fundo intencionam o *infernal* como seu incondicional, os afetos expectantes positivos têm, de modo igualmente incontornável, o *paradisíaco* como incondicional do seu objeto intencional terminativo”. (Bloch, 2005, p. 114).

Educação Ambiental: expressão de uma utopia pedagógica

Diante da crise socioambiental, a Educação Ambiental surge como proposta de enfrentamento a esta conjuntura, demandando para um processo educativo que aponte

para a possibilidade de fortalecermos nossa esperança e construirmos sonhos de mudança.

Entretanto, a Educação Ambiental deve suscitar processos educativos direcionados para a problematização crítica do contexto em que vive a comunidade, para a necessidade de promover mudanças nas suas formas de mobilização e organização, gerando processos participativos, de modo que impulse a intervenção na sua relação com o governo e a iniciativa privada, bem como estimule interferências nas políticas públicas. Desse modo, “(...) é preciso ir além e explicitar as opções, fazendo com que as nossas ações se traduzam em escolhas e atitudes claras e em efeitos coletivos e sociais”. (Loureiro, 2004, p. 48).

Paulo Freire acredita no processo de libertação do ser humano através da educação conscientizadora, entretanto, deve-se compreender que a necessária emancipação do ser humano envolve a inter-relação dos fatores econômicos, políticos, sociais e educacionais. Freire atribui à educação uma função utópica – constitui o caminho das possibilidades de realização das potencialidades ainda latentes da humanidade. Para este educador, a utopia está relacionada à dialética da denúncia e anúncio, ou seja, como sujeitos históricos e transformadores da realidade, tem-se a necessidade da denúncia de um presente opressor, desumanizador, ou seja, a denúncia da própria razão, e anúncio de uma nova existência humanizadora, de um futuro a ser criado e construído, política e eticamente pelos seres humanos, este processo representa o desenvolvimento do pensamento crítico e racional.

Neste sentido, a utopia é entendida como processo auto-reflexivo das contradições do presente e reflexão crítica do futuro. Ernst Bloch (2005, p. 22) assim define o princípio utópico: “(...) a categoria do utópico possui, além do sentido habitual, justificadamente depreciativo, também um outro que de modo algum é necessariamente abstrato ou alheio ao mundo, mas sim inteiramente voltado para o mundo: o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos”.

Longe de apenas vislumbrar uma visão catastrófica, a Educação Ambiental, pelo contrário, tem o papel de fortalecer o sentimento de esperança, apesar desse contexto. A utopia ambiental aparece no sentido da criação de uma sociedade sustentável. Mas o que significa uma sociedade sustentável? Qual o caminho para a concretização desta utopia? São questionamentos que temos que tomar um certo cuidado, pois podemos correr o risco de idealizar modelos de sociedade, desconsiderando o processo histórico e por isso dinâmico da realidade. Por esse motivo, torna-se necessário problematizar a

intencionalidade, o sentido e significados presentes nas visões que configuram o conceito de sustentabilidade, tão enfatizado em pesquisas científicas, ações comunitárias e em projetos de natureza pública e privada. Neste sentido, o debate crítico deve ser um exercício permanente: problematizar a intencionalidade dos discursos, a compreensão teórica e a visão de projeto de sociedade presentes nas diferentes orientações e compreensões da questão ambiental e suas problemáticas.

Esta concepção de Educação Ambiental que considera a dimensão onírica como instância presente no espírito científico, nas relações humanas e projetos de sociedade, torna-se necessária enquanto questionamento e enfrentamento à concepção de racionalidade econômica de um mundo insustentável, que nega a possibilidade de sonhar e esperar. A experiência onírica – o sonhar e imaginar possibilidades de encantamento do mundo - retoma o sentido da crítica à crise ambiental e à perspectiva antiutópica do projeto de modernidade, percebida como “(...) decadência da vida, como vontade de suicídio do ser e extermínio do outro, como a perda de sentidos que acarreta a coisificação do mundo e a mercantilização da natureza”. (Leff, 2006, p. 20).

O compromisso histórico que se apresenta à Educação Ambiental, portanto, é o compromisso de denúncia do modelo de racionalidade econômica e anúncio de possibilidades e alternativas que desafiem o projeto neoliberal e permitam construir uma outra referência de felicidade que confronte com o modelo de organização da sociedade vigente.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **Ética e Utopia**. Porto Alegre: Movimento, 1985.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. vol. 1.
- CORTELLA, Mario Sergio; BETTO, Frei. **Sobre a esperança: diálogo**. São Paulo: Papyrus, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2006.

LOUREIRO, Carlos F. **Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MORE, Thomas. **Utopia**. Trad. Jefferson Luiz Camargo; Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.